

“Nunca me apaixonei por homem nenhum. Tenho amor, entendeu?”: concepções de mundo de Dona Farailda - uma “casamenteira” do sertão baiano

VÂNIA NARA PEREIRA VASCONCELOS*

Todos eu amei, quer dizer, todos eu amei, só que o amor só é até... é como diz: nunca fui apaixonada. Que Deus controlou minha vida de tal maneira que eu nunca me apaixonei por ninguém, chorava, sentia falta, mas... (...) Eu nunca me apaixonei por homem nenhum. Tenho amor, entendeu? Quando nós começa a se conhecer aí entra aquele amor no coração e dá casamento. (OLIVEIRA, 24.08.2012)

Nesse texto pretendo analisar as ideias e concepções de mundo de Dona Farailda Oliveira¹, uma mulher pertencente às camadas populares do sertão baiano que se casou sete vezes ao longo da vida. Estou construindo sua biografia, na qual me proponho discutir seu processo de construção de si a partir das suas memórias. Ao narrar sua trajetória ela faz emergir um conjunto de concepções sobre a vida, o mundo, as pessoas, defendendo ideias acerca da felicidade, do casamento, do amor, da paixão, do sexo, do corpo, entre outras.

Analiso esse processo levando em conta suas narrativas sobre o cotidiano, problematizando como essa construção está pautada em discursos normativos, tendo sido mais importante para ela construir-se como uma “mulher honesta”, visto que era difícil a sobrevivência das “mulheres faladas” em seu espaço e tempo. Nesse sentido, pretendo analisar concepções de masculinidades e feminilidades presentes na sociedade de Serrolândia², a partir de práticas e ideias defendidas pela personagem central da tese³. A ideia é relacionar indivíduo e sociedade, procurando entrecruzar concepções, fugindo da armadilha de pensar o personagem como fruto do contexto.

* Professora Assistente da UNEB/Campus V, Mestre em História (UFBA) e Doutoranda em História (UFF).

¹ Dona Farailda nasceu em 1929 no município de Mairi/BA. Pertencente às camadas populares, trabalhou como lavradora, costureira, parteira, pequena comerciante, entre outras atividades. Atualmente mora na cidade de Serrolândia/BA.

² Serrolândia é um pequeno município do interior da Bahia, localizado no Piemonte da Chapada Diamantina, a 319,9 Km de Salvador, na região Norte. De acordo com o último Censo do IBGE (2010), o município contava com uma população de 12.344 pessoas. Ver <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>

³ A biografia a que me refiro se constitui na minha tese de doutorado em desenvolvimento no Programa de Pós-graduação em História da UFF, intitulada: “É um romance minha vida” – a trajetória de Dona Farailda - uma "casamenteira" no sertão baiano: memória, gênero e construção de si.

Dona Farailda aparece como uma mulher que, embora reproduza em seu discurso valores “tradicionais” como a defesa da família e do casamento monogâmico, visto na perspectiva heteronormativa, tem práticas que subvertem normas estabelecidas para as mulheres daquela comunidade. Ela parece romper com padrões de gênero e geração, sendo muitas vezes acusada de apresentar um comportamento masculino.

Apesar de trabalhar com outras fontes na pesquisa, utilizarei nesse texto apenas a oral. Penso essa fonte como essencial para a construção de histórias de vida, especialmente se a personagem pesquisada está viva, como é o caso analisado aqui. Concordo com Alessandro Portelli quando afirma que se pode compreender uma história de vida de várias formas, no entanto ele prefere supor que está trabalhando com *artefatos verbais*, nos quais está presente a autopercepção do narrador, o encontro deste com o pesquisador e as interpretações e percepções do último quando se dispõe a fazê-lo. (PORTELLI, 1991: 119).

Além de casar-se muitas vezes Dona Farailda é também bastante conhecida em Serrolândia por ser “casamenteira”, realizando ela própria, na cidade, “casamentos de contrato”. Esses casamentos, embora não tivessem nenhuma “validade jurídica”, eram realizados, com certa frequência, provavelmente até o final da década de 1980. Não tratarei dos “casamentos de contrato” devido aos limites do presente texto.

“Com minha sorte, minha sina, eu tenho me dado muito bem (...) minha sina e minha sorte é Deus por mim...”: uma escolhida de Deus ou uma mulher que faz as próprias escolhas?

A citação que dá início ao presente texto é muito reveladora das concepções de Dona Farailda acerca dos temas aos quais me proponho discutir aqui. Ela foi retirada da sétima entrevista realizada com a “casamenteira” em sua casa, na cidade de Serrolândia, na Bahia. Como é possível perceber, Dona Farailda apresenta uma diferença entre o conceito de amor e

paixão, sugerindo nunca ter-se permitido experimentar a segunda. Em sua narrativa, quando aborda as diversas experiências matrimoniais vividas, ela deixa claro que nunca gostou de ficar sozinha e que uma vez viúva ou separada tratava logo de encontrar um “novo amor” e casar-se.

A diferença estabelecida entre amor e paixão parece está pautada na ideia de que a paixão é irracional e deve ser “controlada”, enquanto o amor é algo a ser construído ao longo do tempo e deve ser concretizado através do casamento. No discurso de Dona Farailda aparece a necessidade de justificar sua racionalidade, nesse caso pela recusa em se apaixonar, através da presença e atuação de Deus em sua vida. Esse tipo de construção discursiva é bastante frequente nos depoimentos recolhidos. No processo de construção de si ela normalmente se coloca como uma mulher que não toma decisões, nem é responsável pelas suas escolhas, preferindo atribuir a Deus, ou a sorte, o rumo da vida. Outro elemento marcante em sua narrativa é a importância dada ao casamento, que pretendo discutir mais adiante. A seguir apresento mais um trecho no qual expõe ideias acerca da paixão e do amor:

É por que tem pessoas que apaixonam por outro, tá vendo que o outro não quer e fica andando atrás e eu não. Nunca cheguei a adular ninguém. Vem, quando vem dá certo. E quer me parecer que o amor é completo. Quer me parecer, porque eu tenho amor, mas também se o coração deslizar, eu penso assim, Jesus me sustente. Porque o coração do homem ninguém conhece, né não? Só Jesus. Então a gente tem que fazer por viver pra ver se o amor permanece, ver se o amor cresce, porque não é fácil uma pessoa gostar de outro, é marido, é mulher e vortar e se largar e o amor acabar. Eu acho que não é fácil. (...) Se não me quisesse eu também queria não. (OLIVEIRA, 24.08.2012)

Nesse trecho a racionalidade de Dona Farailda se revela de forma mais contundente. Fica muito claro que não está disposta a “adular ninguém”, ou seja, a ela lhe interessa relações possíveis, parafraseando a banda Titãs: “só quer saber do que pode dar certo”⁴. Aqui rompe com a concepção romântica de “amor eterno”. Propõe-se a construí-lo, mas indica a

⁴ Trecho retirado da música Go Back, composta por Sérgio Britto e gravado pela banda Titãs em 1988.

possibilidade desse sentimento acabar, levando à separação do casal. Essa ideia parece coerente com a forma em que viveu até o presente, tendo se separado três vezes e ficado viúva mais três. Mais uma vez aparece a alusão ao discurso religioso no qual conta com a “ajuda de Jesus” para superar possíveis términos amorosos. Seu discurso é fortemente marcado por este referencial, como no trecho seguinte:

Então fia, com a minha sorte, a minha sina eu tenho me dado muito bem. Porque minha sina e minha sorte é Deus por mim, Deus tem me livrado de tanta coisa e eu digo pra você, digo pras minhas amigas: eu nunca pude me acostumar até aqui, eu tenho encontrado a felicidade porque não pude ficar só e achei quem me acolhesse e quem morreu, morreu e eu tou aqui, ninguém morreu porque eu mandei, morreu foi porque Deus quis, Deus é tão bom que levou tudo (refere-se à morte dos maridos) assim ligeiro, tudo ligeiro. (OLIVEIRA, 03.08.2010)

Considero esse trecho do depoimento de Dona Farailda muito interessante para discutir seu processo de construção de si. Ao afirmar ser uma pessoa feliz faz questões de apresentar essa felicidade (que está diretamente ligada a não estar sozinha) como fruto dos desígnios de Deus, algo ligado a sua “sorte” ou “sina”. Seria Dona Farailda uma escolhida de Deus ou uma mulher que fez escolhas que possibilitaram sua felicidade? Aqui mais uma vez se exime da responsabilidade sobre o rumo da vida. Quanto mais ouço as entrevistas realizadas com ela fica clara para mim a necessidade em justificar suas práticas. Para compreender essa construção é preciso atentar para a sociedade em que vivia (e ainda vive), na qual em geral, mulheres não se casavam com tamanha frequência, tampouco escolhiam seus parceiros com a desenvoltura de Dona Farailda. Portanto creio ser totalmente compreensível essa construção de si como “escolhida de Deus”.

Essa discussão nos leva a refletir sobre os limites e possibilidades do indivíduo em seu contexto. Ao analisar “a vida e os tempos” de Valtèro Peppoloni, um operário e militante comunista italiano, Portelli (1991: 117-137) aborda questões que me interessam para compreender a trajetória de Dona Farailda. Discute a relação entre indivíduo e contexto, fundamental para se pensar a construção de biografias. Para ele as histórias de vida se relacionam com padrões mais amplos e compartilhados da cultura; elas são representativas e

únicas ao mesmo tempo. Penso que a narrativa do indivíduo se dá dentro de um contexto e sem dúvida é marcado por ele. De acordo com Jordi Roca i Girona (2006: 89-112) a própria forma de narrar é baseada em referenciais presentes no espaço vivido, no entanto, esse sujeito que narra é também singular e tem uma visão própria do mundo, ainda que marcada pelos referenciais da sua cultura.

Embora Portelli identifique nas histórias de Peppoloni traços de padrões compartilhados pela sociedade em que este vive, ao ponto de afirmar que sua história pode ser tomada como representativa da cultura a que pertence, ele não perde de vista o que lhe é singular, individual. Segundo o autor “traços culturais ‘coletivos’ adquirem, para ele, um significado intensamente pessoal (...) a dimensão da ‘coletividade’ é absolutamente singular” (PORTELLI, 1991:137).

No caso de Dona Farailda creio que alguns valores fundamentais para a sociedade em que vive, a exemplo da importância dada ao casamento, são compartilhados por ela. Está presente em sua narrativa a defesa dessa instituição como essencial para o ser humano. O casamento para ela não era apenas um projeto individual, mas uma espécie de “projeto social”, tanto que realizava os “casamentos de contrato”⁵.

No entanto, a forma como ela vive a experiência, casando-se várias vezes e/ou oferecendo a comunidade um ritual de casamento que não possuía validade jurídica, nos faz pensar que, apesar de compartilhar da importância daquela instituição, ela a experimenta de forma completamente singular, reelaborando representações sobre o casamento e criando uma forma própria de vivência da sexualidade.

**“Um homem bom, para morrer em meus braços ou eu nos braços dele, dando prazer...”:
sexualidade, gênero e geração**

⁵ Os “casamentos de contrato” eram realizados por Dona Farailda nos anos 1980; ela presidia um ritual de união afetiva com assinatura de um contrato que não possuía validade jurídica. Em geral, casais pobres optavam por esta cerimônia para não serem discriminados pela união consensual, entre outros motivos. Apesar da ausência de validade jurídica havia uma validade simbólica nessa prática, discutida na tese já citada.

Para Dona Farailda é inconcebível que uma pessoa opte por não se casar. Mesmo tendo parado com a prática dos “casamentos de contrato” desde o final dos anos 1980, ainda é procurada atualmente pelos seus “dotes casamenteiros”, sendo muito famosa em Serrolândia por encontrar parceiros para pessoas viúvas ou separadas. Em um dos nossos encontros deixou claro para mim que considera inaceitável que eu (uma mulher com 38 anos) ainda não tenha me casado, e não perde oportunidade para me aconselhar sobre o tema:

Case minha fia, peça sorte a Deus e case. Que é tão bonito sua mãe mais seu pai, é tão bonito ver... um casal unido é uma bênção, quando a gente quer ter essa felicidade, a gente pede a Deus: Jesus eu preciso de um homem, mas me dê um homem bom, pra morrer em meus braços ou eu nos braços dele, dando prazer. Né assim? (OLIVEIRA, 15.11.2011)

O mais interessante da sua abordagem é a relação que estabelece entre casamento, felicidade, amor e sexo. Apesar de estar presente em seu discurso a defesa dessa instituição, já que considera inaceitável a união consensual, condenando casais “amigados”⁶, ela não a defende apenas como uma obrigação moral. Quando me sugere “pedir a Jesus um homem”, faz questão de assegurar que seja “um homem bom” para minha “felicidade” e “prazer”. Ou seja, não basta casar-se para cumprir um ritual social; parece-me que o mais importante para ela é casar-se para ser feliz. Essa ideia é bastante frequente em seus discursos nos quais justifica porque se casou tantas vezes:

Graças da Deus. Minha fia se eu vivesse ruim com marido eu nunca tinha casado, só tinha casado uma vez só. (OLIVEIRA, 15.11.2011)

Foi experiência boa, todos me zelou (refere-se aos maridos), ninguém nunca me maltratou, nunca assim, nunca me maltratou, nós vivia sempre trabalhando igual. O que era meu era dele, o que era dele era meu, (...) nosso bolso era junto, num tive separação de dizer assim: ah, eu tenho, isso é meu e o seu é seu, não. Então foi uma

⁶ Termo usado (de forma pejorativa) para referir-se às pessoas que vivem em união consensual.

vivência muito boa, eu acredito que Deus trabalhou na minha vida, como eu pedia e peço né, minha fia? (OLIVEIRA, 09.02.2011)

*Nunca tive um marido ciumento fia. Nunca tive um marido pra dizer assim: você hoje tava conversando mais fulano? Não. Nunca, nunca e **quanto mais eu tinha esses marido bom mais a gente se entusiasma...** (OLIVEIRA, 24.08.2012)*

*E aí minha fia graças a Deus fui muito feliz. Por que foi que eu me casei? Me casei, me casei, morreu, eu me casei. **Pra não dá o que falar aos outros e nem precisar dos outros.** Não. Graças a Deus (...)(OLIVEIRA, 03.08.2010)⁷*

Com exceção da última citação, na qual apresenta a necessidade de justificar-se para a comunidade não “dando o que falar aos outros”, os trechos citados revelam uma mulher em busca da felicidade pessoal através do casamento. Afirma que só se casou muitas vezes por ter sido “bem tratada”. Aparece uma idealização das relações afetivas, fazendo questão de enfatizar que foi muito feliz em seus casamentos e que todos os maridos eram “bons” para ela. Em geral seu discurso é harmônico e nega conflitos, sendo que em outros momentos da narrativa, “deixa escapar” os conflitos que permeavam essas relações, apresentando inclusive a sua reação em algumas situações difíceis.

Além da associação entre casamento e felicidade, Dona Farailda também estabelece uma relação entre amor e sexo. Arrisco-me a dizer que o trecho citado anteriormente “um homem para morrer em meus braços ou eu nos braços dele, dando prazer” tem um caráter erótico. Ela me surpreende pela sua capacidade de romper com o comportamento esperado para uma mulher da sua geração.

Ao pesquisar representações de gênero em Serrolândia (VASCONCELOS, 2007) recolhi depoimentos de mulheres (muitas das quais mais jovens que Dona Farailda) que consideravam o sexo como um sacrifício a ser feito apenas para cumprir o papel de esposa; estas tampouco relacionavam casamento com amor, mas sim com obrigação feminina, ligada à maternidade. Esses depoimentos estão permeados de representações construídas historicamente acerca da sexualidade nas sociedades ocidentais, na qual a feminina deve ser reprimida, enquanto a masculina é incentivada (VASCONCELOS, 2007).

⁷ Todos os grifos das citações são meus.

No caso de Dona Farailda a relação com a sexualidade está muito presente na sua narrativa. Rompendo com padrões de gênero e geração afirma fazer sexo atualmente, com 83 anos, mas como sempre, justifica esse comportamento a partir do discurso do “outro”, nesse caso, seu penúltimo marido:

*E aí eu estou aqui como diz a palavra: **nunca aborreci o amor**. Esse daqui (referindo-se ao Sr Antônio) dizia que **pra se fazer sexo não tinha idade**. (...) Eu num sabia disso, aprendi com ele. Ele que dizia. (...) Pra fazer amor muier não tem idade. Pra fazer sexo não tem idade. E é mesmo, né? Não tem idade porque a pessoa quando ama, quando Deus deixou assim, porque assim é pra se fazer. (...) **Eu já transei demais e nunca me enjoiei**. (OLIVEIRA, 15.11.2011)⁸*

É interessante refletir sobre as ambiguidades presentes na narrativa de Dona Farailda; há momentos, como na fala apresentada acima, em que assume o desejo sexual, ainda que utilize uma justificativa religiosa, reafirmando que “Deus deixou assim”. Em outros foge da questão. No entanto a relação entre amor e sexo está sempre presente, como na citação a seguir:

É o amor. Depois de ser... vamos dizer assim, depois de ser marido e muier, depois de casar o sexo é amor, é uma coisa que se deve saber o que tá fazendo, porque sem amor não consegue, sem amor ninguém consegue, consegue? Tem que ter o amor, né isso? Bom. E o sexo é através do amor, da consideração, saber que a relação foi Deus quem deixou, entre o casal tem que ter o sexo sincero, não doido. Né isso? (OLIVEIRA, 04.05.2012)

O discurso de Dona Farailda é marcado pela associação entre sexo e amor; considera inaceitável o sexo sem amor ou fora do casamento. Valoriza o “sexo sincero” e não o “sexo doido”. Condena qualquer relação extraconjugal, apesar de ser acusada de ter possuído um

⁸ Os grifos são meus.

amante na cidade⁹, procedimento aceito e naturalizado apenas para os homens em seu meio social.

Para compreender melhor as escolhas de Dona Farailda lhe perguntei o que gosta em um homem e quais critérios utiliza para eleger seus parceiros afetivos. Sua narrativa acerca desse tema revela um pouco mais sobre as ambiguidades dessa mulher:

*Eu sei lá o que, num sei não minha irmã. Eu acho que é o modo. Eu num sei não, Deus é quem sabe, Deus é quem sabe. Esse mesmo (refere-se ao atual marido) eu vi esse home numa revelação. Vi todo como ele é. (...) **Quando conheço é que eu escolho.** Não, eu sempre tinha pedido a Deus nas minhas oração, uma pessoa sincera. (...) Eu não me importo com pobreza, que eu também sou uma pessoa pobre. **Uma pessoa sincera, que tenha amor para comigo.** Pessoas marcadas por Deus. É assim que eu sempre pedia, né? Porque a gente quando é crente, tudo muda o jeito de conversar. A gente não quer pessoa malandro. (OLIVEIRA, 24.08.2012)¹⁰*

Embora continue afirmando que “Deus é quem sabe”, Dona Farailda deixa escapar uma ideia interessante. Na frase citada “quando conheço é que eu escolho” revela que não tem um perfil pré-definido dos parceiros que elege para se relacionar. Ela parece ser uma mulher prática, que escolhe dentro do universo possível; não gosta de estar sozinha e por isso seleciona parceiros disponíveis, interessados em se relacionar e que tenham “amor para com ela”. Assegura nunca ter sido rejeitada, afirmando que se um homem escolhido por ela não demonstrasse interesse ia logo a busca de outro parceiro.

É importante salientar a importância do cuidado em não considerar as falas de Dona Farailda como uma “verdade” sobre sua vida. Não podemos perder de vista que estamos trabalhando com a memória e que, entre lembranças e esquecimentos, esta seleciona, recria e reelabora os fatos que devem e podem ser lembrados e ou esquecidos a partir dos anseios individuais e coletivos do presente. O sujeito relata aquilo que lhe interessa narrar, visto que a narrativa se faz no presente a respeito do passado. Concordo com Michael Pollak quando

⁹ Não foi possível discutir as representações sobre Dona Farailda em Serrolândia devido os limites desse texto.

¹⁰ Os grifos são meus.

afirma que “a memória é um fenômeno construído” (POLLAK, 1992: 204) e que esse processo pode não ocorrer de forma consciente; falar do passado geralmente leva o narrador a organizar e selecionar os fatos. Nas palavras do autor:

Quando falo em construção, em nível individual, quero dizer que os modos de construções podem ser tanto conscientes como inconscientes. O que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização (POLLAK, 1992: 204).

Isso também se aplica ao processo de construção de si de Dona Farailda, analisado anteriormente. Ao discutir a relação entre memória e sentimento de identidade, o autor citado também analisa as construções da imagem de si pensando na:

(...) imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida na maneira como quer ser percebida pelos outros (POLLAK, 1992: 204).

Construção de si excepcionalidade em Dona Farailda

O fato dos depoentes construírem uma imagem sobre si não invalida a importância da sua narrativa, muito pelo contrário, cabe ao historiador ter consciência desse processo para pensar que “o relato da vida também parte da vida” (PORTELLI, 1991: 122). Não compartilho da ideia que as construções de si são feitas de modo deliberado, no entanto é preciso considerar que os sujeitos se interessam pela imagem pela qual serão lembrados e que essas construções estão relacionadas aos valores presentes na sociedade vivida.

Vavy Pacheco Borges ao estudar a trajetória de Gabrielle Brune-Sieler (BORGES, 2004: 287-312), uma mulher pertencente às camadas abastadas do Rio de Janeiro que viveu entre fins do século XIX e primeira metade do XX, discute o “caráter intersticial de liberdade de que dispõem os sujeitos históricos”. Para ela não é possível pensar na sua personagem sem refletir sobre as normas, as práticas, as regras da sociedade em que viveu Gabrielle. É interessante refletir que mesmo convivendo em uma sociedade marcada por fortes hierarquias de gênero ela parece ter feito escolhas distintas da maioria das mulheres de sua época, no entanto pagou um preço alto, sendo interdita como louca.

Atenta às duas problemáticas que permeiam a história de vida de Gabrielle: a “loucura” e “as questões de gênero” Borges analisa as representações presentes no imaginário sobre ela, especialmente a sua imagem como “mulher louca” que de certa forma parece ter sido cristalizada na memória dos seus familiares. É como se os outros tantos aspectos da vida de Gabrielle tivessem se perdido em meio a insistente imagem construída ao final da sua vida. O artigo desta importante historiadora me trouxe reflexões interessantes para pensar nos limites e possibilidades da vida de Dona Farailda, especialmente as questões que envolvem o indivíduo e seu contexto. Reflete Borges:

(...) pergunto-me se Gabrielle não seria uma “nova mulher”, aquela que, por suas atitudes de vida – embora distante de uma militância feminista concreta -, ajuda a abalar as estruturas rígidas do chamado tripé mãe-esposa-dona-de-casa, que sustentava o papel de rainha do lar. (...) Reafirmo que não penso nela (...) como uma heroína especificamente lutando a favor das mulheres (...) Seu percurso não constitui uma história convencional de uma mulher dos fins do século XIX e primeira metade do XX. (BORGES, 2004: 303-304)

As questões que aparecem me levam a pensar na atuação de Dona Farailda na cidade de Serrolândia. As inquietações de Borges me fazem refletir sobre um tema bastante fascinante: a excepcionalidade. Quando estudamos personagens que de alguma forma subvertem padrões, questionam regras estabelecidas a partir de suas práticas essa questão emerge de forma insistente. Como sugere a autora, por mais que ela não coloque Gabrielle

como “uma heroína feminista” também não é possível negar que suas práticas, ou seu percurso, não convencionais a fizeram diferente da maioria das mulheres de sua época.

Creio que o que interessa tanto a mim, ao estudar a vida de Dona Farailda, quanto a Borges, embora ela não trate da possível excepcionalidade de Gabrielle, não é apenas o que essas mulheres fizeram, mas a forma como são vistas e lembradas, não esquecendo que essa visão geralmente está baseada em referenciais normativos presentes na sociedade em que viveram.

No meu caso, procuro pensar nas construções que “minha” casamenteira faz de si, geralmente pautadas no discurso normativo. Quando ela insiste na ideia de que sua vida não se diferencia em nada das outras mulheres da comunidade, e muitas vezes mostra desconfiança em relação à minha pesquisa, sugerindo não haver “nada demais” em sua trajetória que mereça atenção, fico refletindo sobre as problemáticas que envolvem as construções de si e o contexto da personagem estudada.

No processo de “construção de si” Dona Farailda se projeta como uma mulher que em nada difere da maioria das mulheres da comunidade, no entanto, por mais que se esforce nessa construção, não parece ser vista assim. A recepção dessa imagem pode ser problematizada a partir das próprias contradições do discurso que veicula.

Seria Dona Farailda uma mulher excepcional? A discussão sobre excepcionalidade apresentada por alguns historiadores, a exemplo de Benito Schmidt, tem contribuído pra a reflexão sobre minha personagem. Em artigo intitulado “Nunca houve uma mulher como Gilda? Memória e gênero na construção de uma mulher ‘excepcional’” (SCHMIDT, 2009: 155-171) o autor discute o processo de “construção de si” da jornalista Gilda Marinho que, segundo ele, se constrói como uma “mulher excepcional”. De acordo com esse autor, Gilda, “filha de uma família de projeção na cidade Pelotas”, tornou-se jornalista em Porto Alegre, participando de grupos nos quais qualidades como inteligência, comunicação e beleza eram valorizadas e estimuladas para uma mulher. Provavelmente por isso construiu-se como uma

“mulher excepcional”, que gostava de subverter normas, pois provavelmente era, ou gostaria de ser, admirada por isso.

Diferentemente de Gilda, Dona Farailda tenta construir-se como uma mulher “normal”/“comum”, construção perfeitamente compreensível, levando-se em conta, como afirmado anteriormente, que precisava sobreviver em uma sociedade conservadora. A aceitação dos sujeitos em uma dada sociedade está relacionada aos valores compartilhados por ela; mas é claro que esses valores não são homogêneos, variando de acordo com as classes, gêneros, gerações, raças/etnias, entre outras categorias.

Não quero defender que Dona Farailda seja uma mulher excepcional, até porque a ideia de excepcionalidade traz o risco de hierarquização dos sujeitos, no sentido de que uns são mais interessantes que outros, entretanto não é possível negar que suas práticas vão de encontro à da maioria das mulheres daquela comunidade e que foram essas práticas que me fizeram decidir fazer sua biografia.

Quando iniciei o doutorado minha intenção era buscar trajetórias de vida, de homens e mulheres, que questionassem os modelos binários de relações de gênero no sertão baiano; no entanto ao iniciar a investigação com fontes orais posso dizer que Dona Farailda “tomou a cena” e decidi estudar apenas sua trajetória. Creio ser esta uma questão complexa para o historiador preocupado com a representatividade e singularidade do sujeito biografado, discutida acima.

Referências Bibliográficas:

BERNARDES, Maria Elena. **Laura Brandão**: a invisibilidade feminina na política. Campinas: Unicamp/CMU, 2007.

BORGES, Vavy Pacheco. “Desafios da memória e da biografia: Gabrielle Brune-Sieller”. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA Márcia (Orgs.). **Memória e Ressentimento**: indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Editora da UNICAMP, 2004. pp. 287-312.

BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica” In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta (Orgs.). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. pp. 183-191.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

DE CASTEELE, Sylvie Van y VOLEMAN, Danielle. “Fuentes orales para la historia de las mujeres”. In: ESCANDÓN, C. R. (Org.) **Gênero e História**. México: Instituto Mora/UAM, 1992.

GIRONA, Jordi Roca e FLORES, Lidia Martinez. “Relatar la vida, delatar la identidad” In **Historia, Antropología y Fuentes Orales**, 36, 2006. pp. 89-112.

_____. “El género de la memoria: familia y mujer” In MAULEÓN, Azcona (org.) **Memoria y creatividad**. Bilbao: Universidad Del Pais Vasco, 2000. pp. 59-71.

GOMES, Ângela de Castro; SCHMIDT, Benito Bisso. (Orgs.). **Memórias e narrativas (auto) biográficas**. Rio de Janeiro: FGV, 2009.

JAMES, Daniel. **Doña María: historia de vida, memoria e identidad política**. Buenos Aires: Manantial, 2004.

LEVI, Giovanni. “Usos da biografia” In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta (Orgs.). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. pp. 167-18.

LORIGA, Sabina. “A biografia como problema” In: REVEL, Jacques (org.). **Jogos de escalas. A experiência da micro análise**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998. pp. 225-249.

MALCOLM, Janet. **A mulher calada: Sylvia Plath, Ted Hughes e os limites da biografia**. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.

PIÑA, Carlos. “La construcción del ‘si mismo’ em el relato autobiográfico”. In **Revista Paraguaya de Sociología**, 71, 1988. pp. 135-176.

POLLAK, Michael. “Memória e Identidade Social”. **Estudos Históricos**. 5 (10), 1992. pp. 200-215.

PORTELLI, Alessandro. “The Best garbage man in town: life and times of Valtèro Peppoloni, worker”. In: **The death of Luigi Trastulli and other stories: form and meaning in oral history**. Albany: State University of New York Press, 1991. pp. 117-137.

_____. “A filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais”. **Revista Tempo**, 1 (2), 1996. pp. 59-72.

SCHMIDT, Benito Bisso. “Nunca houve uma mulher como Gilda? Memória e gênero na construção de uma mulher ‘excepcional’”. In: GOMES, Ângela de Castro e SCHMIDT, Benito Bisso. (orgs.). **Memórias e narrativas (auto) biográficas**. Rio de Janeiro: FGV, 2009. pp. 155-171.

_____. **Em busca da terra da promessa: a história de dois líderes socialistas**. Porto Alegre: Palmarinca/Fumproarte, 2004.

SCOTT, Joan. “Gênero: uma categoria útil na Pesquisa Histórica”. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, 16 (2): jul./dez., 1990.

SOIHET, Rachel. “Violência simbólica, saberes masculinos e representações femininas” In **Revista Estudos Feministas**. Vol. 5, nº 1. Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ, 1997.

_____. **O feminismo tático de Bertha Lutz**. Florianópolis:/Santa Cruz do Sul: Editora das Mulheres/EDUNISC, 2006.

VASCONCELOS, Vânia N. P. **Evas e Marias em Serrolândia: práticas e representações acerca das mulheres em uma cidade do interior (1960-1990)**. Salvador: EGBA, 2007.